

ESTRATÉGIA(S) DE POLARIZAÇÃO NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

POLARIZATION STRATEGIES IN POPE FRANCISCO'S DISCOURSE

Victor Vago Fernandes¹

Universidade Federal do Espírito Santo

Micheline Mattedi Tomazi²

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Temos o propósito de identificar e analisar a(s) estratégia(s) de polarização no discurso do papa Francisco, que parecem apontar para uma mudança de ideologia sobre a visão de gênero na Igreja Católica. Analisamos um fragmento da entrevista, retirado do discurso proferido pelo Santo Padre aos jornalistas de todo o mundo e publicado na mídia. Em uma primeira leitura, percebemos que houve o incômodo, não somente dos fiéis católicos, mas de outras instituições religiosas e midiáticas acerca do posicionamento da Igreja Católica e, de como agiria o Sumo Pontífice em relação aos homossexuais na Igreja. Escolhemos, dentre as várias abordagens da Análise Crítica do Discurso (ACD), a proposta sociocognitiva de van Dijk (2010, 2012) e buscamos demonstrar que a polarização é uma estratégia no discurso do Papa em relação à minoria homossexual.

PALAVRAS-CHAVE: proposta sociocognitiva; Papa Francisco; polarização; homossexual.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

2 Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

ABSTRACT

Our purpose is to identify and analyze the polarization strategies in Pope Francisco's discourse, which seem to point towards an ideological change as of the Catholic Church's view on gender. We have analyzed fragments of the interview, extracted from the Holy Father's speech given to journalists from all over the world and distributed by the media. At a first reading we notice that there was discomfort, arising not only from the catholic believers but also from other religious institutions and the media concerning the positioning of the Catholic church and the possible actions to be taken by the Supreme Pontiff in relation to the homosexuals. Among many Critical Discourse Studies, we have chosen van Dijk's sociocognitive approach in an attempt to demonstrate that polarization is indeed a strategy in the Pope's speech concerning the homosexual minority.

KEYWORDS: sociocognitive approach; Pope Francisco; polarization; homosexual.

INTRODUÇÃO

Após uma agenda cheia de compromissos, em decorrência da XVIII Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Brasil, entre os dias 23 a 28 de julho de 2013, o papa Francisco, em seu retorno a Roma, colocou-se frente aos jornalistas de diversas nações e línguas, respondendo, aparentemente com liberdade, às diversas perguntas da entrevista assessorada por padre Federico Lombardi, porta-voz do Vaticano.

De todas as perguntas dos jornalistas, a que mais despertou a nossa atenção e também a da mídia internacional foi a indagação da jornalista brasileira, Ilze Scamparini que, antes mesmo de iniciar seu questionamento, pediu licença ao Santo Padre para lhe fazer uma pergunta um pouco delicada sobre a vida íntima do monsenhor Battista Ricca³ e sobre como o Papa abordaria a questão do *lobby gay*⁴. O que supostamente teria motivado

3 Autoridade da Igreja Católica que foi promovido, em 15 de junho de 2013, pelo papa Francisco a prelado do Instituto para Obras Religiosas, mais conhecido como Banco do Vaticano, tendo a função de supervisionar o conselho de administração.

4 Grupo de pessoas ou organização que tem como atividade buscar influenciar, aberta ou

a jornalista a fazer tal questionamento foram denúncias contra o diretor do Banco do Vaticano, o monsenhor Ricca, que no passado, teria se envolvido em casos homossexuais.

O que não se esperava é que a resposta do Sumo Pontífice ecoaria com tamanha rapidez na mídia internacional, já que, pela primeira vez, (pelo menos é o que se sabe pelos discursos de seus antecessores publicados na mídia), num período de tempo tão curto de pontificado, um Papa teria falado abertamente e tratado com tamanha e aparente serenidade sobre a questão da homossexualidade na Igreja.

Embora seu governo tivesse iniciado em um momento histórico, em que denúncias de pedofilia, lavagem de dinheiro, corrupção, nepotismo e casos de homossexualidade, por parte de diversos padres e bispos da Igreja, estavam abalando sua instituição, a motivação da pergunta da jornalista, como dito anteriormente, teria sido o monsenhor Ricca, recém-nomeado pelo atual Papa para gerir o Banco do Vaticano, acusado de fazer parte do *lobby gay* e de ter um passado com supostas práticas homossexuais. O papa Francisco teria tomado conhecimento desses casos do monsenhor, uma semana após nomeá-lo para supervisionar o conselho da administração do Vaticano e ajudá-lo para acabar com a corrupção na sede da Igreja Católica.

O Papa respondeu que teria feito o que lhe pedira o Direito Canônico e, afirmou nada encontrar, após a investigação prévia sobre as acusações feitas contra Ricca. Eis, então, a partir da problemática apresentada, algumas questões que nos estimulam como pesquisadores: Como o papa Francisco enfrentaria, ao que poderia ser considerado, o primeiro escândalo de seu governo? Ele abriria mão de uma argumentação em seu discurso como elite simbólica, para manter o poder e a imagem positiva da Igreja Católica? Qual(is) estratégia(s) linguística(s) conseguiriam, naquele momento, responder à mídia sobre as denúncias contra o monsenhor Ricca sem colocar em risco ou sem macular a imagem estereotipada de uma Igreja santa, justa, sem casos de homossexualidade ou de pedofilia? O primeiro Papa latino-americano da história do cristianismo, por meio de seu poder social, de fato, acolheria e incluiria os gays nos trabalhos eclesiais de sua instituição? Por que depois de dois anos de pontificado, o discurso em “favor do gay”, teria desaparecido da boca do sucessor do apóstolo Pedro?

secretamente, decisões do poder pública, em favor de determinados interesses privados.

Essas são algumas questões que nos estimularam a pesquisar e a escrever este artigo.

Para tentar responder às questões anteriores, focamos nossa atenção analítica à visão da Igreja acerca dos homossexuais e, procuraremos, ao longo deste artigo, identificar a(s) estratégia(s) de polarização no discurso do papa Francisco, cuja voz, em uma primeira e rápida análise, parece refletir (ou apontar para) uma mudança de ideologia da Igreja Católica frente aos desafios de uma nova era do cristianismo, nesse ainda, início do século XXI.

Nosso intuito é demonstrar e indicar marcas de polarização, para reforçar nossa hipótese de que o Papa, num primeiro momento de seu pontificado e diante da expressiva representação da mídia jornalística, cujo poder de manipulação é inquestionável (VAN DIJK, 2010), tenta justificar a ausência de uma outro-apresentação positiva de gênero, homossexual, na sede de sua Igreja, ao afirmar que, se um membro desse grupo ou se mesmo vários deles têm boa vontade e procuram o Senhor, quem seria ele para julgá-los, devendo, pois que se considerar a integração desse grupo na sociedade.

Para realizarmos este estudo analítico-interpretativo, recorreremos à teoria sociocognitiva de van Dijk (2010, 2012), que nos mostra como ocorre o processo de polarização no discurso. Essa escolha também foi motivada pelo fato de reconhecermos que essa proposta sociocognitiva nos possibilita uma reflexão de como escolhas linguísticas e discursivas atuam significativamente em temas, que quase sempre são deixados de lado ou pouco discutidos nas pesquisas, as quais se debruçam sobre o discurso como objeto de análise sem, contudo, associá-lo diretamente ao contexto das nossas práticas sociais, maculadas de poder, abuso de poder e desigualdade social.

Nessa perspectiva, o artigo será constituído da seguinte maneira: primeiro, faremos um recorte do aporte teórico da base sociocognitiva de van Dijk (2010, 2012), procurando abordar os conceitos que julgamos importantes e necessários para a análise que pretendemos fazer do fragmento do texto. Daremos ênfase, então, aos conceitos de poder, abuso de poder, desigualdade social, ideologia, grupos minoritários, polarização, dominação e mídia; em seguida, após definidos os conceitos, procederemos à análise quali-intepretativa do fragmento escolhido como objeto de nosso

estudo, procurando aplicar as estratégias linguísticas e estruturas sociais presentes na materialidade discursiva, que podem comprovar ou não nossas hipóteses sobre o posicionamento do Papa naquele contexto específico; por fim, tecemos algumas considerações finais acerca dos resultados de nossa investigação.

1 Análise Crítica do Discurso (ACD): uma proposta sociocognitiva

A ACD tem o objetivo de revisar as concepções de sujeito da linguagem e de discurso, investigando-o e analisando-o como prática social. Ela estuda como ocorre a materialização do discurso, através de textos, os quais por meio de estratégias revelam como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade social manipulam, reproduzem e contestam os diversos contextos sociais, políticos e, diríamos nós, religiosos. Ao fazer essa investigação, os analistas críticos do discurso se atentam para a maneira como a linguagem funciona na reprodução, manutenção e transformação social e se posicionam contrários a todas as formas de abuso de poder e de desigualdade social.

Nessa perspectiva, a decisão de se utilizar a ACD como aparato teórico é, antes de tudo, uma escolha política e não se constitui como um empreendimento fácil, pois suas pesquisas não são feitas para as bibliotecas ou apenas para mera satisfação pessoal, mas em favor das lutas por direito de justiça social. O analista crítico do discurso deve identificar as dificuldades que serão enfrentadas para reconhecer as relações de poder, ideologia e opressão expressas na e pela linguagem em nossas práticas sociais e, dessa forma, não apenas mudar de consciência, mas engajar-se buscando soluções práticas para superá-las em sua vida na sociedade. Diante disso, assumimos que

o objetivo metodológico do analista crítico é investigar esses traços e pistas na intenção de tornar visíveis as relações entre a linguagem e outras práticas sociais, que são dadas como naturais. Significa dizer que a ACD se propõe a desconstruir os significados não óbvios ou “agendas ocultas” presentes nos textos, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegia certos grupos e

indivíduos em detrimentos de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes (MELO, 2012, p. 68).

Falar de hegemonia e ideologia, frente a esse posicionamento teórico, é reconhecer o poder, como discrepância (irregularidade) existente entre os participantes de um evento comunicativo, a fim de controlar a produção dos textos, a sua distribuição e o seu consumo em contextos socioculturais no desejo de manter uma constante luta assimétrica na e por meio da linguagem, do domínio de uns sobre outros, consolidando a liderança de “poucos” sobre muitos.

Dessa maneira, dentre as várias teorias da Análise Crítica do Discurso (ACD), observamos que seria preciso lançar mão de uma vertente que iria nos permitir contemplar a complexidade discursiva com a qual estamos lidando. Por isso, escolhemos a proposta sociocognitiva, de Teun van Dijk (2010, 2012), para embasar o nosso estudo, pelo fato de que ela, além de nos oferecer reflexões filosóficas e sociais sobre o papel do discurso na ordem social, análises sistemáticas e detalhadas das estruturas dos discursos e suas relações com os contextos sociais, políticos e ideológicos, apresenta uma noção importante de acesso discursivo e de uso da polarização no discurso. Ademais, van Dijk possui inúmeras pesquisas sobre minorias sociais, dentre as quais destacamos: os estudos sobre imigrantes na Europa (1984), as pesquisas sobre racismo (1991; 1993) e o racismo na América Latina (2008), além de empreender estudos sobre o antirracismo e o racismo também no contexto do Brasil, a partir de 2014/2015.

O fato de o analista crítico do discurso afirmar que sua proposta pertence à perspectiva sociocognitiva, por colocar em relevo o fato de que os aspectos sociais e políticos de toda e qualquer ideologia não exclui o caráter cognitivo que, também, faz parte de sua constituição. E mais, que os aspectos ideológicos de grupos institucionais determinam suas práticas sociais e, portanto, chama atenção para o fato de que qualquer pesquisador que se dedique aos estudos críticos do discurso, como prefere denominar, precisa considerar que

tanto a ideologia em si quanto as práticas ideológicas derivadas dela são frequentemente adquiridas, exercidas ou organizadas por meio de várias instituições, como o Estado, os meios de comunicação, o aparato educacional, a Igreja, bem como por meio de instituições informais, como a família. (...) Dessa forma, uma ideologia proporciona coerência às atitudes sociais, que, por sua vez, codeterminam as práticas sociais. Deve-se sublinhar que as cognições sociais ideológicas não são sistemas de crenças ou opiniões individuais, mas essencialmente as cognições sociais de membros de formações e instituições sociais (VAN DIJK, 2010, p. 47 - 8).

O autor também nos traz a ideia de poder vinculada ao controle de membros de um grupo sobre outros. Dessa forma, o “acesso” especial aos meios da produção discursiva e o gerenciamento das mentes do público é confiado a atores sociais que são considerados fontes autorizadas, confiáveis. Esse controle faz daqueles que recebem seu discurso (seus interlocutores) apenas pessoas que acreditam no que é dito, depositando neles suas crenças, sem que haja questionamento do discurso (re)produzido. Essa unilateralidade possibilita a repetição, o que provoca a manipulação discursiva. É dessa forma que a elite simbólica (políticos, jornalistas, escritores, professores, advogados, burocratas e todos os outros que têm acesso especial ao discurso público) age e consegue disseminar sua ideologia e controlar a mente de seus interlocutores, pois controla o discurso.

No discurso institucional religioso, por exemplo, a voz do Papa é uma voz de autoridade, sendo, portanto, confiável, assim como é a voz da Igreja e de seus dogmas e ensinamentos. Nesse sentido, o discurso religioso manipula a mente de seus fiéis e seguidores, como a própria história do catolicismo nos demonstra e como procuramos comprovar na análise que propomos neste artigo. Van Dijk (2010, p.121) defende a ideia de que controlar a mente das pessoas é “uma forma fundamental de reproduzir a dominação e hegemonia”. Nesse sentido, em seu trabalho “Discurso e Conhecimento”, de 2014, é possível reconhecer que o controle da mente, de fato, envolve gerenciamento de conhecimento, o que implica levar em conta que esse “controle da mente” vai além da aquisição de crenças sobre

o mundo por meio do discurso e da comunicação.

De acordo com van Dijk (2010, p.121), o processo de controle mental é adquirido por meio de quatro momentos, pelos quais o grupo dominante exerceria esse controle sobre os dominados. O primeiro dele seria a aceitação das crenças, conhecimentos e opiniões dos grupos dominantes pelos dominados. Ou seja, por talvez, uma questão cultural, os grupos dominados receberiam de maneira amistosa e pacífica o discurso produzido pelos dominadores, reconhecendo neles fontes autorizadas, confiáveis ou críveis. Num segundo momento, os participantes (dominados) seriam obrigados a serem os receptores do discurso dos dominantes. Por não terem conhecimento suficiente, no terceiro estágio, não existiria discurso público que fornecesse informações para que houvesse a possibilidade de crenças alternativas. Por último, ainda, por não terem conhecimento e nem crenças necessárias, os dominados não saberiam como questionarem o discurso ou a informação a que teriam sido submetidos.

Para o analista crítico do discurso, controlar o discurso público, é, antes de tudo, controlar a mente daqueles que se submetem passivamente às exortações/instruções, por não terem conhecimento o suficiente para dialogar, ou mesmo, por não terem acesso às situações sociais relevantes para a produção e compreensão do discurso, manipuladas pelas elites simbólicas, no caso do nosso objeto de estudo, da voz do papa Francisco. Portanto, controlar a mente das pessoas é controlar o discurso e, ao mesmo tempo, gerenciar o conhecimento, haja vista que a maioria de nossas ideologias é formada discursivamente e controlada pela elite simbólica por meio do discurso público. Assim, todo discurso está impregnado de ideologia.

Quando participamos de um evento na Igreja Católica, como, por exemplo, uma missa, catequese ou um sacramento, nosso acesso à comunicação é totalmente restrito, uma vez que, o padre ou bispo (não dizemos o Papa, pois o acesso a ele é quase que impossível para o povo católico em geral), controla todo o discurso e gerencia todo o conhecimento bíblico anunciado; por isso, não há possibilidade de alternância de turno nesses eventos comunicativos. Essa unilateralidade, demonstra, assim, que toda a produção discursiva é controlada, nos interlocutores, por meio de um modelo mental (o daqueles que agem como elite simbólica, estando em um mesmo grupo e formando uma mesma ideologia). Nesse sentido,

defendemos o olhar do teórico sobre o acesso que

pode englobar o modo como as pessoas tomam a iniciativa nos eventos comunicativos, as modalidades de suas participações, assim como os modos com os quais controlam as várias outras propriedades do discurso, como a tomada do turno, o sequenciamento, os tópicos e até mesmo os modos como as pessoas são representadas no discurso, como referentes ou tópicos (VAN DIJK, 2010, p. 91).

No ritual da missa, o Papa ou aqueles que falam em nome da Igreja (padres ou bispos) têm a responsabilidade de exortar/instruir os fiéis por meio de um acesso “ativo” na produção discursiva (homilia/pregação/sermão), como queiram nomear, tornando a assembleia litúrgica (povo) em meros consumidores “passivos” de uma catequese, que, aparentemente, revela-se acessível, mas que, na verdade, apenas os torna alienados sob a reprodução ideológica da instituição religiosa.

Dessa forma, as estratégias discursivas e estruturas linguísticas do discurso da Igreja Católica estão intimamente relacionadas à sua liberdade religiosa, sobretudo, ao seu conhecimento, às suas verdades de fé (dogmas), por meio das quais se mantém a relação de dominação de grupos minoritários na sociedade. O reconhecimento do abuso de poder (VAN DIJK, 2010) exercido por essa instituição é explicado fundamentalmente pela reprodução de poder de seu discurso, nesse caso, o religioso. Nessa perspectiva, a ACD objetiva apresentar como as relações sociais são motivadas a partir da prática discursiva do abuso de poder por parte do grupo dominante. A manifestação do abuso de poder acontece quando existe a possibilidade de variação ou escolha da gramática da língua, isto é, “o abuso de poder só pode se manifestar na língua onde existe a possibilidade de variação ou escolha, tal como chamar uma mesma pessoa de ‘terrorista’ ou de ‘lutador pela liberdade’, dependendo da posição e da ideologia do falante” (VAN DIJK, 2010, p. 13).

2 Polarização: o reconhecimento da ideologia no discurso

O conceito de ideologia adotado por van Dijk (2010) é fundamental para nossa argumentação sobre o papel do discurso no exercício e na

legitimação do poder e tem uma visão diferente do tradicional. Ele parte do pressuposto de que a ideologia “em si” tem a natureza sociocognitiva como a mais elementar e, por isso, não é o que as práticas e instituições sociais trabalham na expressão e reprodução de conhecimentos e opiniões. Para van Dijk (2010), a ideologia é complexa, pois, sendo uma estrutura cognitiva, consegue impregnar todo o discurso e, com isso, exerce um controle sobre outras cognições sociais, inclusive na formação de opiniões e preconceitos sociais.

Nosso olhar, enquanto pesquisadores da ACD, está motivado para uma possível tentativa de mudança de ideologia sobre a visão de gênero heterossexual *versus* homossexual da Igreja Católica. Portanto, de acordo com os estudos feitos a partir da teoria sociocognitiva, o discurso ideológico da Igreja, que se declara pertencente ao grupo dos heterossexuais (endogrupo) enfatiza aspectos positivos de seu grupo, por meio de escolhas lexicais e argumentos. Contrastando, produz um discurso negativo ou de derrogação ao grupo de fora dela (exogrupo), aqui, os *gays* (homossexuais) com o intuito de, estrategicamente, por meio da polarização, manter-se hegemônica reproduzindo sua ideologia através do discurso e (re)construindo a realidade social conforme os seus interesses.

Essas estruturas são efetivadas em vários níveis, porque estabelecem o quadrado ideológico de polarização de um grupo discursivo, encontrado em todos os discursos ideológicos. Para van Dijk (2010), a polarização é uma estratégia geral envolvida na reprodução discursiva, por exemplo, racista ou sexista, de dominação que pode ser realizada em várias formas e níveis de discurso. Trata-se de dar ênfase às coisas boas em Nós e ruins nos Outros. Assim, podemos dizer que o discurso ideológico é geralmente organizado por uma estratégia global de autoapresentação positiva (Nós) e outro-apresentação negativa (Eles). Vejamos, abaixo, a proposta do “quadrado ideológico”:

- Enfatizar aspectos positivos sobre Nós
- Enfatizar aspectos negativos sobre Eles
- (Des)enfatizar aspectos negativos sobre Nós
- (Des)enfatizar aspectos positivos sobre Eles

Quadro 1. Fonte: van Dijk (2003, p. 44).

Podemos identificar a ideologia nas estruturas discursivas, por exemplo, com o reforço dos atributos negativos ou positivos que é feito por meio do uso de estruturas discursivas. Com isso, reforçar características negativas nos outros, informando atos ruins que tenham feito (léxico) ou colocando-os como agentes da oração na voz ativa (sintaxe). Desta forma, percebemos nos textos e falas (discursos) publicados na mídia como o abuso de poder é praticado, reproduzido e legitimado, sobretudo, quando se refere às minorias sociais, fazendo uma autoapresentação positiva dos membros pertencentes à Igreja e uma outra-apresentação negativa dos que estão fora dela.

3 Análise do fragmento da entrevista: “Ninguém com o bilhete de identidade gay no Vaticano”

“Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro. O problema é

fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave. E lhe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!”⁵

O fragmento acima da entrevista do Papa, bastante conhecido e divulgado na mídia, constitui a resposta do Sumo Pontífice à jornalista brasileira sobre como seu pontificado agiria em relação os *gays* na Igreja Católica.

O “Bispo de Roma” (modelo de contexto ainda de cardeal-arcebispo de Buenos Aires) recorreu a um discurso polarizado para exaltar (referir positivamente) os membros de sua instituição (endogrupo), separando-os da minoria *gay*, deixando implícito, por meio de uma estrutura linguística negativa, a maldade do exogrupo (*gays*) que fazem “lobbys”. O ápice do fragmento analisado é a defesa do Papa aos *gays*, que, segundo ele, sendo pessoas boas e desejosas de Deus, deveriam ser incluídas na sociedade. Atentemos que o Sumo Pontífice não menciona a inclusão da minoria social em sua instituição, mas na sociedade. Parece-nos que aqui está explícito o fracasso do desejo da mudança de ideologia e da inclusão dos *gays* na Igreja Católica.

É evidente que podemos identificar a ideologia da Bíblia nas estruturas do discurso do Papa e que sustenta a Igreja por dois milênios de catolicismo. Por exemplo, o reforço dos atributos negativos ou positivos é feito por meio do uso de estruturas discursivas. Em: “*as lobby nem todas são boas. Isso é mau*” podemos perceber o reforço das características negativas dos outros (exogrupo) informando atos ruins que tenham feito a partir de escolhas lexicais (mau) ou colocando-os sintaticamente, agentes da oração na voz ativa (Isso (lobby) é mau).

Ao responder à pergunta da jornalista, o Santo Padre ressalta: “*Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há*”, percebemos que há, na voz do Papa, a construção de uma estrutura sintática que é utilizada como índice de indeterminação do sujeito: “**escreve-se**”. O uso de uma estrutura

5 Fragmento da resposta do Papa à pergunta da jornalista Ilze Scamparini durante o voo de regresso à Roma de sua visita apostólica ao Brasil por ocasião da XVIII Jornada Mundial da Juventude, no dia 28 de julho de 2013.

indeterminada está marcado por um verbo que indica ação, processo, portanto seria possível pressupor o agente da ação que é, na verdade, apagado, não-nominado pela estrutura de indeterminação (BORBA, 2002). Nesse sentido, tal uso aponta, em nossa leitura, para uma intencionalidade do Papa em não identificar qual (quais) seria(m) aquele(s) sujeito(s) que praticariam a ação verbal de “escrever(em)” sobre um determinado assunto, nesse caso, a “lobby gay”, podendo apontar tanto para uma ausência de vontade de identificar a “lobby gay” dentro do seu próprio grupo ou mesmo de identificá-la como sendo protagonizada pela mídia, nesse caso, pelos próprios jornalistas. Logo, em seguida, a voz enunciativa coloca-se na 1ª pessoa do singular (**eu**), precedida do modalizador e do advérbio de tempo (**ainda**) que está acompanhado da partícula de negação (**não**), cuja estratégia argumentativa é visivelmente retomada no pressuposto de um interdiscurso que afirmaria, justamente, o contrário do que o enunciador diz. Isso poderia conduzir nossa leitura, ainda que inicial, para uma primeira marca de polarização discursiva, cujo intuito seria proteger a sede desse enunciador, o Vaticano, da isenção da identificação *gay*. Essa leitura reforçaria o sentido pretendido acima quanto ao não querer ou não poder identificar o agente da ação verbal do verbo escrever. Assim, o modalizador permite ao leitor inferir à possibilidade de o enunciador se encontrar “**ainda**” (num tempo futuro) com algum *gay* naquele território, pois a defesa do Papa termina com o sujeito oculto (**eles**) somado ao uso do verbo no presente do indicativo (**dizem**), indicando uma certeza de que “**há**” (verbo transitivo direto impessoal) alguém com o bilhete de identidade *gay* no Vaticano. Nesse sentido, a escolha do verbo dizer, também impessoalizado, reforçaria a polarização e a ausência de identificação, embora se possa fazer inferência, acerca do enunciador, um conhecimento sobre os agentes das ações as quais ele se refere.

O fragmento prossegue: “*Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau*”, mais uma vez, a primeira pessoa do singular (**eu**) é precedida do verbo no presente (**acho**), reportando à categoria central do modelo de contexto, o Eu-mesmo⁶ do

6 Categoria central dos modelos de contexto, onde tem um papel de orientação, assume o caráter egocêntrico desta categoria. (VAN DIJK, 2012, p.114).

Papa e do advérbio de tempo (**quando**) para explicitar o tempo do encontro com uma **“pessoa assim”** (referente utilizado pelo Papa para se referir ao *gay*).

Vale destacar, ainda, a utilização da escolha lexical de **“assim”**, **“ninguém”** e **“alguém”** no fragmento em questão: *“Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade”* e *“Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim”*, já que o pronome indefinido **ninguém** produz um efeito de sentido que o relaciona a uma pessoa qualquer, um indivíduo de pouca ou nenhuma importância, ou ainda, nenhuma pessoa, em contrapartida com o **alguém** (pronome indefinido, pessoa cuja identidade é indefinida). Portanto, quando o **“alguém”** (membros da Igreja) se encontra com o **“ninguém”** (*gays*), também referenciado pelo Papa como **“pessoa assim”**, o que nos parece é o preconceito explícito desse **“ninguém”** ser *gay* e o fato de formar uma “lobby”, *“...porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau.”* Interessante que o Papa fala de tantas “lobbys”, mas não diz nenhuma que seja boa, ou seja, um *gay* sozinho não traria mal mas a união deles para lutar por seus direitos, isso sim seria um mau a ser combatido pela ideologia do endogrupo (Igreja). Aqui, podemos evidenciar um discurso polarizado (dividido), no qual, o Papa defende sua instituição, apresentando-a como “não possuidora” de *gays* - *Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay»* -, em oposição a vocábulos que criticam os *gays* e as organizações em favor de seus direitos sociais. Parece-nos que o **“alguém”** (Igreja/endogrupo) jamais admitiria encontrar-se com o **“ninguém”** (*gays*/exogrupo) no Vaticano, e tal inadmissão estaria estrategicamente defendendo a imagem positiva da Igreja justa, santa e sem mácula. Encontrar-se com o **“ninguém”** seria admitir o grupo minoritário pertencente à Igreja Católica e, com isso, reconhecer a própria vulnerabilidade.

A estratégia da relação dialógica e interdiscursiva é logo evidenciada no texto quando se reconhece a alusão ao texto bíblico da mulher adúltera, reforçando o argumento de autoridade do livro sagrado para os cristãos: *“Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!”* (João 8, 7), quando diz “se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?”, entendamos que o discurso bíblico se dá entre **os escribas, Jesus e a mulher adúltera** pega em flagrante e, nesse caso,

entre os atores sociais: **os jornalistas, o Papa e o gay**. Parece-nos que se repetem contemporaneamente os diferentes participantes do evento comunicativo. Mais interessante do que olharmos os diferentes tipos de participantes desse evento é o que nos revela o significado de “ter boa vontade” que, de acordo com os ensinamentos do catecismo da Igreja Católica (livro que contém a exposição da fé e da doutrina da Igreja), traz a ideia de conversão do *gay* e a não-prática de atos homossexuais, negando-se a si próprio e a sua orientação sexual para poder, assim, estar em comunhão com a Igreja.

No trecho: “*Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade*”, acontece, como já dito, o ápice da polarização por meio da estratégia de negação do preconceito da voz do Santo Padre, enquanto elite simbólica. Ele utiliza o verbo “dever” ora negando, ora afirmando, o que nos leva a uma análise dessa utilização como modalidade deôntica, na qual se apresenta não mais o teor de verdade nem as condições de proposição dessa verdade, mas uma avaliação do tema em questão, ou como explica Bronckart (1999, p. 331), uma avaliação apoiada em valores, opiniões e regras constitutivas do mundo social, “apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso”. Ou seja, a questão da marginalização dessas pessoas (os *gays*) foge do “dever”, da obrigação de inserção no contexto da instituição, porque essa verdade, do preconceito, da marginalização, da exclusão, é constitutiva da sociedade como um todo e não da instituição, nesse caso, da Igreja Católica. Além disso, a voz enunciativa sempre se refere aos *gays* como “essas pessoas, pessoas assim” entre outras expressões que parecem reforçar essa leitura do preconceito.

Parece-nos que há um rompimento total entre a necessidade de uma verdade que clama e reclama a inclusão do *gay* na Igreja e na sociedade. O que o discurso explicita é que não pode haver exclusão “destas pessoas” na sociedade mas, se eles (*gays*) não atenderem aos ensinamentos doutrinários da instituição religiosa, podem não ter acesso a ela e serem excluídos.

Na sequência, o fragmento analisado parece reforçar nossa visão de um posicionamento polarizado. Em “*O problema não é ter essa tendência, não;*” indicaria, na nossa leitura, um efeito de sentido argumentativo que encontra, na dupla negação presente na voz do Sumo Pontífice,

um discurso que, ao mesmo tempo em que “reconhece” e define como “problema” o tema em questão, aponta para uma visão estereotipada, pois declara a homossexualidade como “problema” e, ainda, utiliza o item lexical “tendência” para reforçar um sentido que nos parece remeter a de possibilidade, de ter ou não uma inclinação, um desejo, um impulso latente, mas enquanto “tendência”, no nível da possibilidade e não da verdade não seria problema. Se a “tendência” se tornar prática, teria que ser descartada, repudiada. Maior do que essa tendência seria a “lobby”, ou seja, um *gay* nada poderia fazer contra a instituição, pois seria apenas “um”, mas juntar-se aos outros *gays*, constituindo-se como grupo, poderia influenciar valores, opiniões e regras constitutivas da sociedade e que se oporiam aos interesses da instituição a qual representa. Nesse sentido, novamente o verbo “dever”, como obrigação, necessidade, é acionado em sua voz para garantir a união entre “os irmãos”, que defendem uma mesma visão ideológica, a do endogrupo (Igreja), vendo, portanto, no outro, “apenas um”, marca de uma exclusão. Vejamos: *“devemos ser irmãos, porque este é apenas um”*; entretanto, o seguimento desse período é marcado pela contra-argumentação, pelo uso do marcador discursivo “mas”, *“mas se há mais outro, outro”*, esse conector, somado ao “se”, dá ao discurso a ideia de condição e de quantidade no uso do intensificador “mais” e do uso duplicado do pronome “outro, outro” que funciona como determinante do grupo que é diferente (exogrupo) e, portanto, excluído.

Em seguida, ao afirmar que *“o problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave”*, vale chamar atenção para o argumento de oposição utilizado pela voz do Sumo Pontífice a partir do uso do conector “mas”, com a função de contrapor o que disse anteriormente: *“porque este é apenas um”*. Também, é necessário ressaltar o jogo de palavras que vem sendo construído discursivamente para a construção de efeito de sentido que se pretende evidenciar. Ora, se no período: *mas se há “mais outro”*, o marcador discursivo, cujo valor é opositivo, contrapõe-se ao que foi dito anteriormente e marca a oposição argumentativa, enquanto o advérbio de intensidade expressa a ideia de quantidade, seguido do valor condicional agregado ao conector “se”, marcando linguística e discursivamente um campo semântico para o efeito de sentido para aquilo que o Papa considera, pelo menos é que se permite evidenciar em sua fala, o problema mais grave

no seu ponto de vista, ou seja, a união de um grupo de gays para formação de uma “lobby gay”. A conjunção explicativa “porque” retrata o valor aproximado de “uma vez que”, explicando que, enquanto for encontrado “um” (numeral que nos traz a ideia de minoria) *gay* não haveria problema algum, mas se esse “um” deixasse de ser a minoria e se agrupasse, aí sim, seria problema na visão do Papa Francisco.

O Santo Padre mescla seu discurso estrategicamente, ora assumindo o Eu-mesmo, categoria central do modelo de contexto, ora remetendo para a voz de um outro indefinido e termina a sua resposta com um tom de agradecimento à jornalista pela pergunta que, supostamente, o teria deixado feliz: *“E lbe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!”*

Abaixo, apresentamos um quadro resumido da proposta de análise, defendida acima, revelando as marcas estratégicas de polarização no discurso do Sumo Pontífice:

ENFATIZAR	
Aspectos POSITIVOS sobre	Aspectos NEGATIVOS sobre
NÓS = Igreja Católica (endogrupo)	ELES = gays (exogrupo)
Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay».	Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim,
O problema não é ter essa tendência, não;	porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau.
(DES)ENFATIZAR	
Aspectos NEGATIVOS sobre	Aspectos POSITIVOS sobre
NÓS = Igreja Católica (endogrupo)	ELES = gays (exogrupo)
Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Dizem que há.	...deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby,
Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?	Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade

...devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro.

O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave.

Como a mudança da sequência de experiências vividas diariamente pelo Papa foi atualizando seus modelos de experiência, sua memória episódica foi se (re)construindo e outro modelo de situação foi sendo estabelecido, dentro de seu atual tempo e espaço, o que resultou na mudança discursiva do novo modelo de seu contexto, o de Igreja Católica. Ao (re) construir modelos de contexto, armazenados em sua mente dos episódios experienciados como Santo Padre, um novo discurso foi sendo instaurado por meio seu entorno (espaço) de situação no qual ele estaria pensando, agindo, falando, escrevendo, ouvindo ou lendo no momento (tempo) de Sumo Pontífice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de postura e as novas estratégias discursivas do pontificado de Francisco têm despertado, por ele, uma enorme admiração e respeito por parte de líderes de outras religiões do mundo e, até mesmo, uma certa “idolatria” por fiéis de sua própria Igreja.

Não tendo acesso a um estudo sistemático e aprofundado dos discursos do Papa, cujo objetivo crucial é de maneira implícita, reproduzir, mesmo que de forma inconsciente (na mente das pessoas), a ideologia milenar da instituição religiosa, os fiéis acreditam veementemente que o Sumo Pontífice vai restaurar a Igreja Católica.

Acreditamos que a criatividade dos discursos polarizados do Santo Padre em abordar temas considerados delicados pela Igreja, tais como: homossexualidade (sobretudo, na resposta à pergunta da jornalista Ilze Scamparini), pedofilia, pobreza, lavagem de dinheiro, etc; sua maneira peculiar de “fazer teologia” além, de ter enfrentado a primeira crise de seu governo (as denúncias contra Ricca), garantiram em pouco tempo a sua popularidade e está sendo o fator determinante para que ele continue seu papado e mantenha seu poder social e, por que não dizermos, religioso, dando um novo passo à mudança de ideologia, sobretudo, no que se refere ao combate de abuso de poder dentro e fora de sua instituição.

A maioria daqueles que não têm acesso a essa visão mais crítica de um discurso polarizado defenderia veementemente que o Sumo Pontífice incluiria, de fato, os *gays* nas atividades da Igreja Católica. Porém, o que vemos, num primeiro momento é uma atitude “idealizada” frente à inclusão desta minoria social. O que não sabemos ainda é se, o desaparecimento acerca dos *gays* nos discursos do sucessor do apóstolo Pedro seria uma imposição da própria instituição contra o Papa e mais, se ele estaria usando de uma estratégia linguística polarizada apenas para adquirir popularidade e continuar seu exercício frente à instituição milenar que, passando por uma crise de perda de fiéis, necessita buscar novas estratégias, inclusive, discursivas, para continuar a manutenção de seu poder ou se a proposta de seu governo é, realmente, assumir como elite simbólica, seu poder social como chefe de Estado e como o maior líder da Igreja Católica em favor dos excluídos da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC,1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. Editora Ática: São Paulo, 2002.

ENCONTRO do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso - Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html. Acesso em 10/10/2014.

MELO, Iran Ferreira. (Org.); *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

VAN DIJK, Teun A. *Prejudice in Discourse: analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation*. Amsterdam: Benjamins, 1984.

- VAN DIJK, Teun A. *Racism and the Press*. London: Routledge, 1991.
- VAN DIJK, Teun A. *Elite Discourse and Racism*. London: Sage Publications, 1993.
- VAN DIJK, Teun A. *Ideology and discourse: a multidisciplinary introduction*. Madri: Ariel Linguística, 2003.
- VAN DIJK, Teun A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.